Luís de Camões

Os

Lusíadas

Luís de Camões na prisão de Goa

Pintura a guache, de 1556

Texto

Versão em português atual e Notas

por

Virgílio C. Dias

Badana

Virgílio C. Dias

É natural de Lavacolhos, uma pequena aldeia do concelho do Fundão. Ao terminar a escola primária, onde teve o privilégio de uma professora de inexcedível dedicação e saber, entrou, por iniciativa dela, no seminário dos Jesuítas, onde fez nove anos de formação.

Passados tantos anos, é com imensa satisfação que ainda revive as aulas de Latim e de Grego de António Freire, as de Literatura Portuguesa de João Mendes e as de Cultura Grega de João Maia. Que Professores!

O passo seguinte foi a Licenciatura em Filologia Clássica na FLUL, onde, além de outros, foi aluno de Francisco Rebelo Gonçalves, Rosado Fernandes e M. Helena Ureña Prieto. No segundo ano passou para Coimbra, donde mais recorda o Prof.

Costa Pimpão em Literatura Portuguesa II. E logo regressou à FLUL onde fez os três últimos anos da Licenciatura. Poucos anos depois, voltou à Universidade de Coimbra para o Curso de Ciências Pedagógicas. Com o estágio no Liceu Nacional de Castelo Branco ficou completa a formação profissional.

Em 1999,voltou à Universidade, agora a UBI, na Covilhã. É um privilégio ter sido o primeiro que, naquela Universidade, na sua Faculdade de Letras, obteve o grau de Mestre, dissertando sobre «Transitividade Verbal», orientado pelo saudoso Prof. Malaca Casteleiro.

Vive e trabalha em Castelo Branco.

Apresentação

Por quê uma nova edição d'Os Lusíadas?

1. - Porque entendemos que o conhecimento (a literacia) d'Os Lusíadas deve ser o primeiro imperativo da cultura portuguesa. Não conhece os Portugueses, nem eles a si próprios, se ignorarem como foram capazes de, primeiro, conquistar o seu território aos reinos de Leão e Castela, depois, aos mouros e, mais inexplicavelmente ainda, criar o maior império que um país, escasso em gente e em recursos, alguma vez criou.

2. - É certo que os estudos de história nos informam desses feitos grandiosos

– mas Os Lusíadas, além do conhecimento, propiciam-nos, pela sua arte, inesquecíveis momentos de beleza e de convívio com os nossos heróis.

3. - Nunca deveriam ser esquecidos homens como D. Afonso Henriques, D.

João I, D. João II ou D. Manuel I – nem Nuno Álvares Pereira, Afonso de Albuquerque ou D. João de Castro e tantos, tantos outros. .

Eles, com o Povo, criaram a nação portuguesa e mudaram o mundo.

4. – Os Lusíadas ainda cá estão. Vale a pena, e é urgente, que todos, Povo e Políticos, estudemos o Poema: “Com o rei se muda o povo” (Lus. IV-17).

Como tornámos acessível a leitura d’Os Lusíadas?

1. - Colocando, ao lado de cada estrofe, um texto que sugere o modo atual de a ler.

Em caso nenhum dizemos de que trata a estrofe, deixando ao leitor a dificuldade de a decifrar. Nós traduzimos o texto poético para uma linguagem atual, tendo sempre o cuidado de que o nosso texto pudesse ser cotejado com o original –

porque esse é o que verdadeiramente interessa.

2. - Anexando notas explicativas

Não basta que o texto camoniano seja bem lido; deve ser totalmente compreendido. Estamos muito gratos aos

historiadores. O seu trabalho deu-nos a possibilidade de entender e podermos explicar muitas estrofes cujo sentido foi nebuloso durante séculos.

3. - Focando, ao longo da leitura – talvez obsessivamente – as pequenas frações de uma grande tese camoniana.

Nós apercebemo-nos de que Os Lusíadas não são só "uma síntese dos factos mais importantes da nossa história e do génio nacional" (Mendes, I, 277). São-no, certamente, mas não principalmente. Os factos que integram a síntese histórica

do Poema foram selecionados por Camões como argumentos de uma tese que ele não se cansa de repetir: Portugal existe por determinação sua, mas não por força sua. Esta tese não tem merecido atenção, mas ela está n'Os Lusíadas, e é a chave decisiva para o modo como nós entendemos o Poema.

Introdução

A história de Portugal

Os Lusíadas são, inequivocamente, o Poema de Portugal, com a sua história, desde as origens até à perda de independência no século XVI: neles está o atestado de nascimento desta nação portuguesa em duas batalhas inexplicavelmente vencidas: a de São Mamede (1128), que tornou definitiva a separação política entre a Galiza e aquilo que viria a ser Portugal (Ramos:1-25) e a de Ourique (1139), que viria a ser consagrada como o ato fundador do novo reino (Ramos: I-27).

N'Os Lusíadas temos encontro com os nossos reis e grandes heróis. Uns e outros persistem na nossa cultura com uma imagem que, em grande parte, neles foi moldada: D. Afonso Henriques, D. João I, D. Manuel I, Nun'Álvares Pereira, Vasco

da Gama, D. Francisco de Almeida e seu filho Lourenço, Afonso de Albuquerque, D. João de Castro, etc. etc. Também no Poema deparamos, em Aljubarrota, com a demonstração de maioridade deste povo, e, pouco depois, em 1415 - porque altivo peito não cabe em terreno tão pequeno - com a sua saída do continente europeu para ir conquistar cidades aos mouros, em Marrocos. Foi lá que Portugal treinou as artes da guerra num continente diferente do seu, e, não menos importante, durante mais de 80 anos se familiarizou com a língua árabe, que tão importante viria a ser nos contactos com os mouros em todo o Oriente.

Os Lusíadas são o Poema deste povo buliçoso, sem medo, que, depois de uma história inimaginável de sucessos no continente europeu e em África, sonhou com a ida para a Índia por mar. Não sabia a que partes do céu a Índia estava (II-70) - mas foi e chegou lá, perguntando aqui e além. E de lá se espalhou por todo o Oriente.

Nenhum outro povo fez tanto.

Os Lusíadas são o mais perfeito e o mais belo reencontro dos Portugueses com a sua história, e, não menos importante, consigo mesmos. Quem fez aquilo ainda por cá anda. Com o rei se muda o povo (iv-17).

Camonianos que nos precederam

Antes de nós, muitos camonianos estudaram o Poema. Foram-nos úteis todos aqueles com quem tivemos a sorte de ir deparando - e foram muitos. Houve, porém, alguns que, pela proximidade no tempo, e pela excelência dos comentários, nos foram de maior apoio: Epifânio Augusto da Silva Dias, José Maria Rodrigues e António José Saraiva.

Além destes, tivemos sempre presentes dois notáveis professores, de cujo magistério direto beneficiámos: um, em

Coimbra, o Prof. Álvaro Júlio da Costa Pimpão (os seus Lusíadas, edição do ano 2000, foi-nos ajuda frequente); o outro foi, na FLUL, o Prof.

Francisco Rebelo Gonçalves. Da sua Obra Completa, publicada em 2002 pela

Gulbenkian, o 3.º e último volume, dedicado aos seus estudos sobre Os Lusíadas, foi-nos de enorme apoio.

Recorremos também a traduções: para inglês, de William Atkinson; para francês, de Roger Bismut e, para latim, de Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo.

Merecem-nos uma referência saudosa Os Lusíadas anotados por A. Antunes Vieira S.J. Foi nessa edição que, nos anos 50 do século XX, começou a revelar-se-nos o Poema. Ainda agora nos foi útil.

O apoio dos historiadores

Apesar do apoio recebido da literatura, continuávamos a não dispor de informação suficiente para podermos explicar todo o Poema. Por isso, à medida que parafraseávamos o texto poético, íamos procurando, na história, respostas que tardavam

- e a nossa opção não podia ter sido mais oportuna, já que nunca antes, em Portugal, em tão curto espaço de tempo, foram publicados tantos e tão valiosos estudos de história, sobretudo do Oriente. Foi neles que encontrámos respostas para quase todas as interrogações que sempre tinham limitado a nossa compreensão do Poema.

Algumas das respostas que tardavam

Transpor para português atual este texto do século XVI seria trabalho muito incompleto se não explicássemos alguns fragmentos de estrofes que se mantinham obscuros. A título de exemplo, referimos:

- II-49. Nesta estrofe, Júpiter profetiza que Afonso de Albuquerque deparará com

“o mouro furioso” trespassado pelas próprias setas. E não só Albuquerque, mas também Camões, terão acreditado que as setas dos inimigos não atingiam os Portugueses, porque, voltando-se no ar, regrediam contra quem as disparava. Que muitos mouros morreram com setas próprias é um facto histórico. Mas …como explicá-lo?

A resposta é simples, mas nós só a conseguimos em 2016 (Pelúcia, p.178 e 179). A estrofe pôde, assim, ficar transposta para português atual e explicada.

- Também, no Canto IV-15, não acreditávamos na aparente cobardia de alguns nobres portugueses que, em Aljubarrota, hesitavam em combater ao lado de Nun’Álvares Pereira. Mas havia uma justificação (Ramos: vol. 3, p.58), e pudemos, assim, trazer mais verdade à leitura do Poema.

- Nem concordávamos com a dureza do povo português perante a morte de Inês de Castro (III-130). O povo não é tão mau como ali aparece. Teremos encontrado a justificação em: Mattoso: 131 a 133.

- E também compreendemos, finalmente, o inexplicável heroísmo de Pacheco Pereira nas estrofes iniciais do Canto X (Monteiro: I, 107-114).

Os casos referidos são pequena amostra dos muitos que conseguimos explicar – e que justificam a leitura que propomos para muitas das suas estrofes.

Proposta de leitura atualizada

Apesar dos apoios recebidos da Literatura e da História, deparámos ainda com dificuldades que não imaginávamos. A transposição para português atual não deve ser mera criação de um texto equivalente ao de cada estrofe, mas, fiel ao original e numa

expressão clara, a transposição deve manter vínculos facilmente identificáveis com o texto camoniano – porque é a este que nós queremos conduzir o leitor.

Essa tarefa surpreendeu-nos pela sua dificuldade. A linguagem da poesia é muito diferente da da prosa, e acontecia que, muitas vezes, de tal modo nos distanciávamos do original, embora mantendo o seu sentido, que se tornava difícil o cotejo de um texto com o outro. E lá apagávamos num dia o que tínhamos feito noutro, para voltarmos a fazer e a refazer. Passada bem mais de uma dezena de anos, não há dia em que não retoquemos algumas estrofes.

Nunca imaginámos que pôr em prosa cada estrofe d’Os Lusíadas, sem fugir ao rigor do sentido e à possibilidade de cotejo com o original, fosse trabalho que não é, nem nunca será, definitivo.

Caso especial da preposição em e do pronome complemento lhe No aspeto da linguagem mereceram-nos especial atenção a preposição em e o pronome complemento lhe. Estas palavras podem criar dificuldades na interpretação de muitas estrofes. Merecem, por isso, uma anotação própria.

A preposição em tem no Poema, como em latim, três sentidos próprios: em, para e contra. Pode, pois, ser expressão de lugar onde, de lugar para onde (se selecionada por verbos de movimento), ou exprimir complemento (ou

adjunto) de oposição. Ora, estes três diferentes sentidos não têm sido considerados nem justificados nos comentários. Por isso, à estrofe II-25, por exemplo, tem sido atribuído um sentido que, a nosso ver, ela não tem.

Outro caso, habitualmente descuidado, é o facto de o pronome pessoal da terceira pessoa lhe, no século XVI, ser uniforme quanto ao número. N'Os Lusíadas de 1572

não existe a forma de plural lhes – e isso tem provocado confusão na leitura de algumas estrofes.

Ao atualizarmos a grafia, introduzimos no Poema a forma de plural lhes sempre que era plural o seu referente e a métrica o permitia. Quando, por alterar o número de sílabas métricas, não era possível a forma lhes, grafámos o lhe em itálico, para indicarmos que é plural o seu referente.

Atualização da grafia

Além das atualizações já referidas, não hesitámos no uso de outras, desde que não fossem afetadas a métrica nem a rima.

Poderão alguns camonistas criticar a nossa opção. Estão no seu direito. Mas o nosso objetivo é claro: pretendemos que Os Lusíadas possam ser lidos sem "supérfluos ou irritantes obstáculos" (David Mourão-Ferreira) por todos os falantes do português.

Alexandre Herculano, na sua edição do Roteiro da Viagem de Vasco da Gama, de Álvaro Velho, hesitou em proceder à sua atualização gráfica. Na página XXXIV, justifica a sua opção: "somos contrários á reimpressão dos nossos escritores antigos com a ortografia dos tempos em que escreveram, que não serve hoje senão de dificultar a inteligência e em muitos casos a beleza de frase…"

Também a edição nacional d’Os Lusíadas, de Lopes Vieira e J. M. Rodrigues (imprensa nacional,1928), “reproduz o texto da edição prínceps de 1572, com a ortografia e a pontuação reformadas”.

O Prof. Damião Peres, na “Nota histórico-bibliográfica” que antecede a História Trágico-Marítima de Bernardo Gomes de Brito, enfrentou o mesmo problema.

Decidiu atualizar a grafia, que justificou: “Tratando-se de textos da segunda metade

do século XVI e princípios do XVII, nenhuma forte razão de ordem científica contraindica essa prática; e são manifestas as vantagens de vária ordem que dela resultam”.

E até na Mensagem de Fernando Pessoa (edição da Ática,1972), David Mourão-Ferreira atualizou a ortografia “de modo a que não se erguessem, entre a obra e o leitor, supérfluos ou irritantes obstáculos”.

Este nosso trabalho está conforme o Acordo Ortográfico (AO90) – nota dispensável, se não tivéssemos ido um pouco além dele, cumprindo as «Sugestões para o aperfeiçoamento do Acordo Ortográfico da língua portuguesa» que a Academia das Ciências de Lisboa publicou em 2017. Por isso, escrevemos: vêem, lêem, crêem, pára, pôr, carácter, sector, secção, faccioso e facção, etc…

Castelo Branco, 02 de fevereiro de 2020

Os Lusíadas

1. Caracterização

Os Lusíadas são um poema do Renascimento, pela vastidão e ostentação de conhecimentos científicos (especialmente

antropológicos, geográficos, navais, marítimos, astronómicos. .);

- e são um poema clássico porque, devido à excelência da sua arte, persiste na memória e cultura dos povos há mais de quatro séculos. Ainda, e não menos importante, Os Lusíadas cumprem os cânones da arte dos seus referentes imediatos: a Eneida de Vergílio e a Odisseia e Ilíada, poemas atribuídos a Homero.

Os Lusíadas imitam-nos na estrutura, seguem-nos, embora sem convicção, nas referências mitológicas, e recorrem ao verso heroico, que é o mais próximo do hexâmetro latino da Eneida e do decâmetro grego da Odisseia e da Ilíada.

Há, porém, n'Os Lusíadas um outro elemento profundamente clássico, não formal, mas relevante: foi preferencialmente nestes poemas, latino e gregos, que Camões selecionou os heróis com os quais aferiu a força, a coragem, o patriotismo, a religiosidade, o amor filial: toda a virtude (uirtus) dos heróis portugueses.

Mas Os Lusíadas não se limitaram à imitação daqueles: seguiram caminho próprio. Na Ilíada, Aquiles, o maior de todos os guerreiros, recupera para a Grécia a honra ultrajada por um Troiano; na Odisseia, o herói, Ulisses, é também um Grego que sai de Troia vencedor, e regressa à sua família, na ilha de Ítaca; na Eneida, o herói dominante é Eneias, um Troiano que saiu vencido de Troia para ir fundar a cidade de Roma. Todos eles, porém, são lendários, cantados como glória e modelos do seu povo.

N'Os Lusíadas, o herói não é lendário, mas histórico; não é individual, mas coletivo.

Por isso, afirmamos que Os Lusíadas, pelo seu fundo de verdade histórica, superam a Eneida e os poemas homéricos,

tanto quanto, pela credibilidade, a história se sobrepõe à ficção.

Não é difícil criar cenários onde se imaginem heróis verossímeis – mas é tarefa de génio esculpir personagens heroicas credíveis em homens que foram heróis com a naturalidade de quem apenas cumpre um dever. Os poemas clássicos, fruto de ficção, sugerem formas de comportamento; Os Lusíadas demonstram a capacidade do Homem perante situações extremas e, aparentemente, inultrapassáveis.

2. Objetivo

O objetivo único d’Os Lusíadas é a celebração do povo português – um povo de pouca gente e de território escasso que se tornou um grande império, vencendo, primeiro, os reinos de Leão e de Castela que lhe coartavam a liberdade; conquistando, depois, aos mouros, o território que estes ocupavam, havia já quatro séculos; dominando, finalmente, o mar, entrando por ele até ao outro lado do mundo. Os Lusíadas celebram um povo que, por determinação sua - mas não por força sua - conseguiu o que as suas reduzidas forças e meios não poderiam, sequer, deixar supor. Esta ideia vai-se repetindo e demonstrando de diversos modos ao longo do Poema, e só tendo-a em conta é que Os Lusíadas se nos revelam em todo o seu esplendor.

3. Estrutura

1. Proposição. É muito claro o intento de Camões, expresso logo nas duas primeiras estrofes: cantar os feitos inexplicáveis do povo português: - os nobres e os seus descendentes, os cavaleiros que, pelas armas, se tornaram ilustres; - os seus reis que decidiram tal aventura e lhe

atribuíram os meios; - os filhos do povo anónimo que, por feitos heroicos, se sacrificaram ao serviço da pátria.

Receando, porém, que pudesse ser atribuído maior relevo a qualquer destas entidades, o Poeta criou uma terceira estrofe que faz a súmula das duas anteriores, e não permite qualquer prioridade na atribuição de excelências: eu canto o peito ilustre lusitano.

2. Invocação é a súplica do Poeta às ninfas do Tejo (Tágides) que não lhe faltem com inspiração para poder cumprir com excelência o seu objetivo: cantar os feitos heroicos dos Portugueses (estrofes 4 e 5). Trata-se de mero formalismo da epopeia.

3. Dedicatória: o Poema é dedicado ao rei D. Sebastião (estrofes 6 a 18). Terá sido elaborada muito antes de 1572. O texto aponta para um rei ainda muito jovem 4. Narração ou relato dos atos heroicos dos Portugueses, selecionados com um objetivo único: demonstrar a inexplicável desproporção entre a pequenez e escassez de meios de um povo, Portugal, e a vastidão do império que ele foi capaz de criar. Começa na estrofe I-19 e estende-se até X-144, com o regresso das naus ao Tejo.

5. Epílogo ou conclusão: as estrofes finais (X–145 a 156).

4. Tese camoniana

Numa das inumeráveis vezes que relíamos um qualquer feito heroico, apercebemo-nos de que, no seu final, não acontecia a natural celebração efusiva dos heróis, mas agradecimento a Quem lhes tinha dado a vitória. Os Portugueses sentiam-se meros obreiros de um Poder de Quem eles eram, apenas, o braço: (cfr. III - 82, 109; IV - 45; VI - 94; VIII - 24; X-40, etc.) E

isso conduziu-nos à perceção de que Portugal é uma nação improvável. Com Castela, e com todos os outros estados hispânicos, o país lutou pela independência e, surpreendentemente,

venceu; contra os mouros, que dominavam o território havia mais de quatro séculos (desde 711), e que eram muito mais evoluídos tecnicamente, muito mais ricos e em muito maior número, Portugal conseguiu expulsá-los do território. Nos mares, a força dos Portugueses dominou os portos de África, criou e fixou-se na mais extensa nação da América do Sul, derrotou no Oriente as armadas egípcias, turcas e cambaicas, e exerceu lá a autoridade própria de um império.

Nem em fábulas sonhadas (X-20) seria imaginável tal poder num povo tão raro em gente.

O Poema demonstra, obsessivamente, que Portugal agiu por determinação sua, mas que não era possível, por força sua, concretizar tal objetivo. A título de exemplo, podemos ver, só no Canto III, as estrofes 34,43,45,46,48,54,62,82,109 e 112 – como já antes as estrofes I-6; I-24 a 32, além de outras, muitas outras, até atingir a demonstração maior com a máquina do mundo (X -91 a 142).

Não há Canto nenhum em que esta tese não seja obsessivamente demonstrada – e nós, talvez também obsessivamente, não deixaremos de a ela nos irmos referindo.

5. Mas…estarei eu a ver o problema com suficiente nitidez?

Do Prof. Rebelo Gonçalves, em Obra Completa, vol. III, p.287, está publicada uma resposta a um pedido de Maximino Correia, Prof. Catedrático e reitor da Universidade de Coimbra: que lhe aclarasse o sentido da estrofe d’Os Lusíadas IV- 29. Na sua resposta, o Prof. Rebelo Gonçalves

transpôs para prosa aquela estrofe, dando cumprimento ao que lhe era solicitado.

Aquele sábio Mestre, muito prudente, concluiu a resposta com esta interrogação: Estarei, porém, a ver o problema com suficiente nitidez?

Quem, como nós, percorreu as 1102 estrofes, com o intuito de lhes descobrir e revelar o sentido, enfrentou 1102 problemas como este.

Também nós, no final de cada proposta de leitura, deveríamos humildemente deixar a mesma interrogação do nosso saudoso professor: Estarei eu a ver o problema com suficiente nitidez?

Canto I

«Quem sois, que terra é esta que habitais,

Ou se tendes da Índia alguns sinais» – I-52

Após as estrofes iniciais impostas pela estrutura da epopeia (proposição, invocação e dedicatória), logo, na estrofe 19, tem início a narração, que situa a armada em pleno oceano Índico (in medias res). Veremos por quê.

Antes, porém, da sequência narrativa, o Poeta coloca-nos perante um concílio de deuses que, no Olimpo, debatem o sucesso da ousadia dos Portugueses.

Trata-se de um episódio genial: Vénus e Marte tomam o partido dos Portugueses, enquanto Baco lhes declara um ódio incondicional.

Preside Júpiter, majestático, poderoso, sábio. A discussão é viva entre Vénus e Baco, e surpreendentes os seus

argumentos, justificando ele o ódio, e ela o amor aos seus queridos Lusitanos. Uns deuses discutem no Olimpo, e o eco que deles nos chega deixa-nos antever (como veremos nos comentários) os porquês do Poema.

Este episódio lê-se por puro prazer literário.

Retomada a narração na estrofe 41, os Portugueses, inesperadamente, encontram-se com mouros. É interessantíssima a narração deste primeiro contacto em que Portugueses e mouros tentam conhecer-se. Quem serão uns e outros? Os mouros, pouco fiados em palavras, pedem a estes invasores dos seus mares que lhes mostrem os livros de sua religião: temem que sejam cristãos do Ocidente, de quem já conhecem a má fama. Responde-lhes o Gama (I–66): Os livros … não trazia, / Que bem posso escusar trazer escrito / Em papel o que na alma andar devia. E, depois, complementa a informação, mandando mostrar-lhes as armas (I-67 e 68).

Desta resposta e das armas que viram, um ódio certo na alma lhes ficou (I-69).

O enfrentamento com os mouros, o primeiro de muitos que os Portugueses travarão no Oriente, aconteceu aqui na ilha de Moçambique – o que não impediu a contratação de um piloto de alma danada que conduziu a frota além de Quíloa (na Tanzânia) e a colocou em frente de Mombaça (no Quénia atual).

O Canto termina aqui, com discurso homodiegético (Reis:371) da desolação de Vasco da Gama perante o desconhecimento do caminho da Índia e os perigos constantes que ameaçavam destruir aquele sonho duma nação.

No mar, tanta tormenta e tanto dano,

Tantas vezes a morte apercebida… (I-106)

Proposição

I - 1

As armas e os barões assinalados

As armas e os barões assinalados que

Que da ocidental praia lusitana,

saíram de Portugal e, por mares

Por mares nunca de antes navegados,

nunca dantes navegados, passaram

Passaram inda além da Taprobana,

muito para lá de Ceilão, mais

Em perigos e guerras esforçados

audaciosos perante os perigos e as

Mais do que prometia a força humana,

guerras do que poderia esperar-se da

E entre gente remota edificaram

força humana, e que criaram, entre

Novo reino que tanto sublimaram;

povos muito distantes, um reino novo

que tão ilustre fizeram;

V.1 – A tripulação era constituída por “homens de armas e mareantes, muita parte da qual gente eram fidalgos e cavaleiros e outros homens de boa criação”.

V. 2 - Metonímia é uma figura literária que recorre ao uso de uma palavra ou expressão em vez de outra cujo significado a primeira sugere: a ocidental praia lusitana é Portugal.

V. 4 – Taprobana: Ceilão (X-51 e 107) - «é um daqueles sítios onde a herança portuguesa é bem visível, pelos nomes, por palavras, por costumes e, acima de tudo, pelo cristianismo, que ali convive com uma maioria budista e minorias hindus e muçulmanas» (Costa, Ricardo, Expresso curto, 23 abril 2019). Taprobana é o atual Sri Lanka.

V. 5 – que tanto sublimaram: que tão ilustre fizeram com seu valor e esforço (Lourenço: 37)

I - 2

E também as memórias gloriosas

- e a história heroica dos reis que

Daqueles reis que foram dilatando

promoveram a dilatação da fé, o poder

A fé, o império, e as terras viciosas

de Portugal e a devastação das terras

De África e de Ásia andaram devastando;

moralmente degradadas de África e

E aqueles, que por obras valerosas

de Ásia - e (ainda) aqueles que só

Se vão da lei da morte libertando,

devido a atos destemidos hão de ser

Cantando espalharei por toda parte,

sempre lembrados: - a todos eles eu

Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

celebrarei por toda a parte, cantando,

se o meu talento e capacidade de

expressão me ajudarem.

V. 3 – Terras viciosas de África e de Ásia: terras de infiéis que, para um cristão do século XVI, eram terras de vício, pois transgrediam os princípios da religião católica.

V. 4 – Devastar terras de infiéis era, então, um título de glória (Rodrigues: XLVII).

V. 6 – lei da morte: é a lei do esquecimento eterno. Com a morte, tudo será esquecido.

Mas, se cantadas (celebradas em verso), as obras e os seus heróis persistirão na memória dos povos.

V. 8 – engenho: o talento individual, a capacidade intelectual.

Engenho e arte: o talento e a capacidade de expressão. Quando um sujeito composto (engenho e arte) vem depois do predicado (ajudar), este pode concordar com o sujeito

mais próximo - cfr. II-50 – v.3, IX-61- v.5, e outros (Cintra: 505).

Notemos, nestas duas estrofes da Proposição, o objetivo imediato do Poema:

1 – Cantar os barões (guerreiros da classe nobre): são os cavaleiros, valentes e ousados, que travaram as batalhas no continente europeu, na África e na Ásia.

2 - Celebrar os feitos gloriosos dos reis que decidiram e promoveram a dilatação da fé e a expansão do poder de Portugal, desde a conquista do território aos Castelhanos e aos mouros, até à conquista de poder em África, na América e na Ásia. Sem tal determinação, teria sido provável o apagamento da pobre nação portuguesa, pela sua reintegração no reino de Castela.

3 - Exaltar todos aqueles sem-nome que, só por atos heroicos ao serviço da pátria conquistaram um lugar na memória coletiva.

I - 3

Cessem do sábio Grego e do Troiano

Cesse a fama das grandes navegações

As navegações grandes que fizeram;

(lendárias) que fizeram quer o sábio

Cale-se de Alexandro e de Trajano

Grego (Ulisses) quer o Troiano

A fama das vitórias que tiveram,

(Eneias); deixe também de se falar nas

Que eu canto o peito ilustre lusitano

vitórias (históricas) alcançadas por

A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Alexandre e por Trajano – já que eu

Cesse tudo o que a musa antiga canta,

canto a sublime coragem lusitana à qual

Que outro valor mais alto se alevanta.

os próprios deuses Neptuno e Marte

prestaram vassalagem. Cesse tudo o que

a poesia antiga canta, pois que um valor

mais alto agora se levanta.

V. 1 - O sábio Grego é Ulisses, herói lendário da Odisseia. O Troiano é Eneias, também lendário, fundador da cidade de Roma e figura central da Eneida.

V. 3 - São igualmente grandiosas as vitórias históricas de Alexandre Magno da Macedónia e de Trajano, imperador romano.

Os primeiros, Ulisses e Eneias, são lendários; Alexandre e Trajano foram heróis históricos. O peito ilustre lusitano não só vai além da história, como supera ainda a própria lenda: Cesse tudo o que a musa antiga canta…

V. 6 - Neptuno (deus do mar) e Marte (deus da guerra) cederam à valentia dos Portugueses. D. Marcos de S. Lourenço (51) propõe a seguinte versão: a quem o mar e a guerra deram obediência e reconheceram vassalagem.

Invocação (4 e 5)

I - 4

E vós, Tágides minhas, pois criado

E vós, Tágides minhas, já que fizestes

Tendes em mim um novo engenho ardente,

surgir um novo e apaixonante projeto

Se sempre em verso humilde celebrado

em mim, que sempre me tenho dado à

Foi de mim vosso rio alegremente,

prática de verso humilde, inspirai-me,

Dai-me agora um som alto e sublimado,

agora, um canto nobre e altivo, um estilo

Um estilo grandíloquo e corrente,

heroico e fluente – a tal ponto que até

Por que de vossas águas Febo ordene

Apolo tenha de reconhecer que o poder

Que não tenham inveja às de Hipocrene.

de inspiração poética das águas do rio

Tejo em nada é inferior ao poder

inspirador das águas da fonte

Hipocrene.

V. 2 – novo engenho ardente: Camões fora, desde jovem, um poeta de amores (um poeta lírico) como muitos outros do seu tempo. Impressionado pela grandeza inexplicável dos feitos dos Portugueses no Oriente, em que ele próprio participou, surgiu nele um novo e apaixonante projeto: cantar os inexplicáveis feitos lusitanos.

V. 4 – de mim (ag. da passiva): por mim – o vosso rio, musas, foi sempre por mim celebrado alegremente em verso humilde.

V. 5 e 6 - Agora, porém, dai-me…O antigo poeta lírico sente-se empurrado para a poesia épica. Pede, pois, às ninfas do rio Tejo que o seu sopro inspirador lhe conceda a memória e a expressão mais adequadas à excelência do tema que vai tratar.

V. 8 – Hipocrene era uma das fontes de inspiração poética, situadas no monte Hélicon; outra era Aganipe. Nelas se purificavam as musas antes dos seus cantos e danças. Ainda uma outra fonte ficou célebre na cultura grega e universal: Castália, na base do monte Parnaso.

I - 5

Dai-me uma fúria grande e sonorosa

Dai-me uma inspiração inflamada e

E não de agreste avena ou frauta ruda,

harmoniosa, não como a de qualquer

Mas de tuba canora e belicosa

rude flauta pastoril, mas própria de

Que o peito acende e a cor ao gesto muda;

tuba altiva e guerreira, que inflame o

Dai-me igual canto aos feitos da famosa

peito e afogueie o rosto. Inspirai-me

Gente vossa que a Marte tanto ajuda:

um canto que corresponda aos feitos

Que se espalhe e se cante no universo,

desta vossa famosa gente que tanto

Se tão sublime preço cabe em verso.

faz lembrar o deus Marte – (um

canto) que se divulgue e seja cantado

por todo o mundo, se é que tão rara

excelência pode caber num poema.

Esta estrofe tem duas partes, iniciadas pelo imperativo do verbo dar. Na primeira (verso 1-4), Camões pede inspiração para o seu poema; na segunda (5-8), especifica os maiores atributos que lhe deseja: primeiro, que, em excelência,

iguale os feitos dos heróis; em segundo lugar, que seja cantado em todo o universo – de acordo, também, com os versos finais da estrofe 2 da proposição. Por isso, o relativo do verso 7 (que se espalhe) tem por antecedente o canto (verso 5) e não gente vossa (que a Marte. .).